



A RELAÇÃO ENTRE AS REDES SOCIAIS, A PRIMAVERA ÁRABE E A GUERRA CIVIL SÍRIA**THE RELATIONSHIP BETWEEN SOCIAL MEDIA, THE ARAB SPRING AND THE SYRIAN CIVIL WAR**BARBALHO, Victor Aguiar¹**RESUMO**

O trabalho direciona-se a uma análise da geopolítica da guerra civil através do fenômeno da primavera árabe na Síria em 2011, um dos fatores determinantes para a eclosão do conflito. O diferencial dessa investigação é associar as redes sociais e as redes geográficas como fatores de articulação do movimento revolucionário nesse período. A primavera árabe na Síria, diferentemente da maioria dos países vizinhos que também foram cenários das manifestações populares em 2010, tomou cursos políticos, econômicos e sociais muito mais complexos e graves do que se almejava. A operacionalidade dessa pesquisa foi feita através de levantamento bibliográfico de livros, artigos científicos e matérias de cunho jornalístico de diferentes vertentes ideológicas. Além disso, se tratando de mais de 14 anos de duração do conflito, que ainda está em andamento, coube ao final mencionarmos brevemente o panorama atual da situação no país. Nota-se como resultado que as redes sociais tiveram um papel relevante para a disseminação do fenômeno da primavera árabe na Síria, porém, com menos sucesso do que em países como Tunísia e Egito. Conclui-se que houve formação de redes de disseminação de informações geográficas pelos Sírios, porém, com rápida atuação estatal para a contenção dos manifestantes no bloqueio de acesso as redes sociais e as articulações dos manifestantes. Esse processo culminou na Guerra Civil Síria, gerando milhões de refugiados pelo mundo atualmente.

Palavras-chave: Guerra Civil Síria. Primavera Árabe. Redes Sociais. Geopolítica. Oriente Médio.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the geopolitics of civil war through the lens of the Arab Spring in Syria in 2011, one of the key factors that led to the outbreak of the conflict. The distinctive approach of this research lies in associating social networks and geographic networks as articulating factors of the revolutionary movement during that period. The Arab Spring in Syria, unlike in most neighboring countries that also witnessed popular uprisings in 2010, took on far more complex and severe political, economic, and social developments than initially expected. The methodology of this study was based on a bibliographical review of books, academic articles, and

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-graduação em Ensino de Geografia na Faculdade FaSouza. E-mail: victoraguiar654@gmail.com

journalistic reports from diverse ideological perspectives. Moreover, considering that the conflict has lasted for over 14 years and is still ongoing, the study concludes with a brief overview of the current situation in the country. The findings indicate that social networks played a significant role in the dissemination of the Arab Spring in Syria; however, they were less effective compared to countries such as Tunisia and Egypt. The study concludes that although networks for disseminating geographic information were formed by Syrians, the swift state intervention to restrict access to social media and suppress activist mobilization contributed to the failure of the uprisings. This process culminated in the Syrian Civil War, which has resulted in millions of refugees across the world today.

Keywords: Syrian Civil War. Arab Spring. Social Networks. Geopolitics. Middle East.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar as inter-relações entre a Primavera Árabe, a Guerra Civil Síria e o papel desempenhado pelas redes sociais na eclosão e no desdobramento desse conflito. A partir de uma abordagem geo-histórica e geopolítica, fundamentada em levantamento bibliográfico e análise cartográfica, busca-se compreender como os protestos populares iniciados em 2011 influenciaram a conjuntura síria e como os meios digitais contribuíram para a mobilização social. A escolha do tema se justifica pela relevância de compreender o impacto das redes sociais no desencadeamento dos eventos da Primavera Árabe na Síria, bem como as particularidades desse fenômeno em comparação com outros países árabes que também vivenciaram levantes. O entendimento da atual conjuntura geopolítica do Oriente Médio e do conflito civil sírio é fundamental para o estudo do cenário político e econômico do mundo árabe contemporâneo. Para tanto, este artigo está estruturado em quatro seções: a primeira discute o fenômeno da Primavera Árabe em termos gerais; a segunda, sua manifestação específica na Síria; a terceira, o papel das redes sociais no processo; e a quarta aborda brevemente a Guerra Civil Síria e seu panorama atual, além das considerações finais e as referências da bibliografia utilizada.

1. A PRIMAVERA ÁRABE

A chamada Primavera Árabe teve início em dezembro de 2010, na cidade de Sidi Bouzid, na Tunísia, quando um jovem tunisiano de nome Mohamed Bouazizi, mesmo com formação universitária, enfrentava dificuldades para se inserir no mercado de trabalho e sustentava sua família com uma banca de frutas e verduras. Vítima de recorrentes abusos policiais, ele cometeu autoimolação em protesto contra a falta de oportunidades e a repressão estatal. Seu gesto, que resultou em sua morte dias depois, desencadeou uma onda de protestos conhecida como Revolução de Jasmim², que rapidamente se espalhou para outros países do norte da África e do Oriente Médio, desafiando regimes autoritários estabelecidos há décadas e pouco habituados à contestação popular. Esse movimento posteriormente recebeu o nome de Primavera Árabe porque representou o “florescer” de reivindicações democráticas nos países árabes. Para situar geograficamente o fenômeno no globo terrestre, é importante ressaltar que o mundo árabe se refere ao conjunto de países que falam o árabe e se distribuem, do oceano Atlântico, a oeste (Marrocos), até o mar Arábico, a leste (Omã), limitando-se ao norte pelo mar Mediterrâneo, a sul, pelo deserto do Saara até o Corno de África, e a sudeste do oceano Índico. Esta região passou por significativas transformações oriundas do movimento revolucionário. Observe o mapa abaixo:

² A Revolução de Jasmim (em árabe ثورة الياسمين), também chamada revolução tunisiana de 2010-2011, é uma sucessão de manifestações insurrecionais ocorrida na Tunísia entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011 que levou à saída do presidente da República, Zine el-Abidine Ben Ali, que ocupava o cargo desde 1987.

Figura 1. Mapa dos países envolvidos na primavera árabe.



Fonte: Adaptado de Kreutzfeld (2015 apud BOMFIM, GIUDICE, 2018).

A Primavera Árabe surpreendeu o mundo com sua vasta agenda de mudanças pretendidas pelos cidadãos dos países árabes. Muitos ditadores foram surpreendidos pelas revoluções populares contra a opressão interna, mas que também era vista como opressão imposta pelo Ocidente a essas nações. Esse movimento recebeu o nome de Primavera Árabe porque representou o alvorecer de reivindicações democráticas no mundo árabe (SANT'ANA, 2018, p. 2).

Embora cada um dos Estados que sofreram com manifestações populares tenha tido suas particularidades, houve grandes semelhanças nas motivações em todos esses casos. As reivindicações, que se iniciaram em prol da diminuição dos preços de itens alimentícios, foram se expandindo para diversas áreas de natureza política, como: a luta contra o cunho autoritário de seus governos e a favor da liberdade política; a construção de um Estado com separação de poderes; a promoção da justiça social e o julgamento dos casos de corrupção e repressão (SANTOS FILHO, 2013, p.3).

Além disso, não há como deixar de reafirmar as motivações econômicas para os protestos. Uma impressionante escalada nos preços dos alimentos e da energia na região naquele período gerou um impacto direto nas populações que já viviam perto

da zona de pobreza, o que acontece com frequência no Norte de África. Dessa forma, as populações do Médio Oriente e do Norte de África se mostraram vulneráveis às subidas dos preços em decorrência desses países, todos ainda em estado de desenvolvimento, e possuíam taxas relativamente elevadas de desemprego, sobretudo, entre os jovens (JOFFÉ, 2011).

Nesse contexto, havia diferenças no comportamento de manifestantes e na reação das autoridades de acordo com o grau de liberdades democráticas de cada país. Além disso, em monarquias cujos reis desfrutavam de significativa credibilidade, a insatisfação das ruas era mais direcionada contra os políticos que chefiavam o Executivo. Foi o que aconteceu, além do Marrocos, na Jordânia. Simões (2021, n.p.) disserta que: “Os efeitos da Primavera Árabe na Síria foram dos mais danosos para sua população e a estabilidade regional”, o que veremos a seguir.

2. A PRIMAVERA ÁRABE NA SÍRIA

A Síria é um dos países em que os protestos contra o governo tomaram grandes proporções, ultrapassando as fronteiras nacionais e evoluindo para um conflito interno prolongado, atualmente caracterizado como uma guerra civil. Diferentemente de outros países árabes que passaram por transições políticas impulsionadas pelas revoltas de 2011, o regime de Bashar al-Assad conseguiu se manter no poder, resistindo tanto à oposição interna quanto às pressões externas. O legado do florescer da Liberdade parece ser um sonho distante, pois o resultado tem sido o conflito civil entre “rebeldes” e os defensores do presidente Bashar al-Assad. Embora inserida em um cenário semelhante ao dos vizinhos, a Síria apresenta uma estrutura social complexa e marcada por uma configuração de poder polarizado, o que contribuiu para que seguisse um percurso distinto daquele inicialmente projetado pela Primavera Árabe (RICCI, 2016, p. 25).

Carla Ricci, complementa que:

Muito do que se pode compreender acerca do embaraçado jogo de forças envolvidas no conflito civil sírio tem suas bases na formação geo-histórica do país. Localizado na porta de entrada do Oriente Médio, à margem do Mar Mediterrâneo e fronteiro aos territórios da Turquia, Iraque, Líbano, Jordânia e Israel, a região síria tem sido interpretada no decorrer dos séculos como

uma região de grande relevância política e geoestratégica (RICCI, 2016, p.26).

Devido a esta relevância geográfica - em suas diversas faces: geopolítica, geoeconômica, geo-histórica etc. - a Síria é um território de grande importância para os interesses dos países do centro do sistema político-econômico capitalista. Os Estados Unidos, por exemplo, em defesa de seus interesses petrolíferos e territoriais, empregaram força e influência sem precedentes alegando "construir uma atmosfera de ordem e de abertura internacionais em que o progresso e a liberdade possam florescer em muitas nações" (HARVEY, 2004, p. 14). Apoiando-se nesse discurso liberal para mascarar e realizar suas incursões militares no país.

Bomfim e Giudice (2018, p. 16) dissertam que:

À medida que se avançava na pesquisa, mas claro se delineava que a "A Primavera Árabe" era uma orquestração direta ou indireta dos Estados Unidos, ao contrário do que a mídia procurava divulgar no início do movimento, de tratar-se de uma iniciativa do povo árabe para reclamar os seus direitos. Na verdade, a estratégia era anular regimes desgastados e adversos ao contexto político vigente, utilizando tecnologia (mídias digitais, facebook, internet, celulares, redes sociais), uma nova roupagem, mas extremamente evidente de que existiu "algo propulsar" e dois pontos devem ser destacados. Primeiro, essas tecnologias não são de fácil acesso nestes países, segundo, como haver um levante intercontinental sem a existência de um líder? Na primeira questão, podemos tomar o exemplo do Iêmen, onde a grande maioria da população é pobre, vive na zona rural, em locais isolados e de difícil acesso, portanto, não teria como organizar movimentos tão grandiosos e com efeitos tão imediatos. Com relação à segunda questão, como os Estados Unidos não queriam assumir o fomento aos conflitos, porque havia o risco da situação fugir ao controle o que realmente aconteceu em alguns países (Afeganistão e Iraque), teriam que assumir o prejuízo da perda de importantes parceiros no mundo árabe e precisariam conquistar novos aliados, muito provavelmente, através da utilização da tecnologia, fomentaram o levante dos jovens das cidades que serviram de multiplicadores, já que a insatisfação era latente.

Ou seja, em países como Síria e Líbia os governos não eram alinhados às potências ocidentais, e como mencionado há autores que argumentam que os movimentos de 2011 resultaram em conflitos armados com influência também pelos Estados Unidos da América (EUA), impulsionando os rebeldes através de plataformas tecnológicas associadas às redes sociais, uma vez que era de seu interesse geopolítico.

3. O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA PRIMAVERA ÁRABE SÍRIA

É evidente que as redes sociais modificaram profundamente as dinâmicas de comunicação em âmbito global. A rapidez com que conteúdos e notícias circulam por plataformas como Twitter, Instagram, Facebook e YouTube alterou a forma como percebemos eventos distantes, tornando-os mais próximos e acessíveis à realidade cotidiana. Em uma resposta à insatisfação social generalizada, foi-se criando movimentos sociais com o objetivo de expressar contestação e desejo por mudanças políticas. Nesse cenário, a internet se tornou um veículo de contestação social, por meio da qual foi possível realizar a comunicação entre os manifestantes dos diversos países da região, atraindo cada vez mais adeptos às causas (JOFFÉ, 2011).

O sucesso das revoluções tunisiana e egípcia inspirou o povo sírio a iniciar a sua própria revolução nesse fenômeno que chamamos de primavera árabe. Lentamente, indivíduos e grupos começaram a expressar suas opiniões no Facebook e outras mídias sociais. A opinião política já existia antes dessa época, mas estava confinada a um bate-papo secreto, pois os grupos tinham medo de serem vigiados pelo governo. Em 5 de março de 2011, jovens entre oito e quinze anos pintaram os cantos populares revolucionários que viram na televisão via satélite nas paredes de sua escola, incluindo frases como: “O povo quer derrubar o regime”; “Está chegando a sua vez, Doutor” (HANANO, 2012).

Eles tornaram as coisas piores para si mesmos escrevendo seus nomes nas paredes também. As forças de segurança sírias capturaram esses meninos e, por semanas, suas famílias não sabiam onde eles estavam. Quando este incidente ocorreu, o povo de Daraa protestou pela libertação dos jovens prisioneiros e organizou protestos pacíficos após a oração de sexta-feira. O regime sírio, em troca, abriu fogo contra os manifestantes, matando dezenas de pessoas e ferindo outras. Em solidariedade aos assassinatos de Daraa, uma onda de protestos se espalhou por outras cidades da Síria, chegando a Homs, a “capital da Revolução” (SHEHABAT, 2012, p. 3).

Ao contrário da Tunísia e do Egito, o papel das redes sociais na Síria foi originalmente limitado devido a temores de que o Governo monitorasse o Facebook e

o Twitter. Uma ativista de 21 anos que se referia a si mesma como Rana, por medo do governo, declarou: “Tenho muito medo de falar sobre minha atividade política no Facebook e não vou abrir uma conta no Twitter” (REUTERS, 2011). Ainda assim, os ativistas sabiam que a internet era sua única opção para divulgar sua palavra fora do país e para o mundo ver como o regime de Bashar operava. “Existem grupos no Facebook que organizam protestos, mas eles só fornecem o local do protesto no último minuto”, disse Rana em seu apartamento em Damasco” (REUTERS, 2011). Enquanto o regime sírio usava armas para matar pessoas em manifestações, os vídeos dos celulares das pessoas eram sua única arma. “Sua única arma de retaliação era o YouTube” (SHEHABAT, 2012, p. 3).

O povo da Síria queria expor o regime sírio ao mundo inteiro. Em 30 de maio de 2011, um vídeo que foi carregado no YouTube mostrou o corpo espancado e claramente torturado de um menino de 13 anos, Hamzeh Alkhateeb. Este vídeo provocou indignação internacional, já que o mundo inteiro viu “o quão brutal o regime de Bashar poderia ser” (SHEHABAT, 2012, p. 3). Após este incidente, muitos ativistas acessaram o Facebook, Twitter, YouTube e Skype para transmissão ao vivo de notícias e informações. Uma página do Facebook que tinha muitos seguidores chamava-se “Somos todos Hamzeh Alkhateeb” e era semelhante à página egípcia do Facebook “We Are Khalid Said”. O regime de Bashar seguiu os passos dos regimes da Tunísia, Egito e Líbia, tentando censurar a internet na Síria. “O governo sírio desligou telefones celulares e conexões de Internet em Daraa e Homs em um esforço para dificultar a comunicação e a divulgação de notícias sobre a revolução” (SHEHABAT, 2012, p. 3). Para se manter conectado, as pessoas na Síria contrabandeavam cartões SIM de países vizinhos. As pessoas em Daraa, que fica perto da fronteira com a Jordânia, contrabandeavam cartões SIM jordanianos para manter seus telefones ativos, enquanto as pessoas que viviam no norte, perto da fronteira com a Turquia, contrabandeavam cartões SIM turcos. “Os telefones inteligentes e o acesso que eles fornecem à internet sem fio 3G também têm sido uma ferramenta significativa para os revolucionários, tão significativos na verdade, que o governo sírio proibiu o uso e a importação de iPhones no país” (SHEHABAT, 2012, p. 3).

Como resultado dos crescentes protestos organizados no Facebook, o regime de Assad cortou as conexões de internet e serviços de telefonia móvel para dificultar a comunicação dos ativistas. Em maio de 2012, Assad apareceu em uma estação local de TV síria expressando sua raiva. “Ele condenou a mídia social e declarou que os revolucionários estavam vencendo a batalha espacial” (SHEHABAT, 2012, p. 4). Ele também indicou que, embora as pessoas estivessem organizando protestos de rua e vencendo sua guerra cibernética, seus militares estavam vencendo a batalha terrestre.

Embora o Facebook fosse a fonte número um de comunicação em outros países árabes, a Síria contava predominantemente com o YouTube. O YouTube destacou a brutalidade do regime ao documentar eventos capturados por meio de tecnologias de telefonia móvel. Também funcionou como uma imprensa alternativa. Durante a revolução, canais sírios passavam novelas ou programas matinais como se nada estivesse acontecendo no país (SHEHABAT, 2012, p. 5).

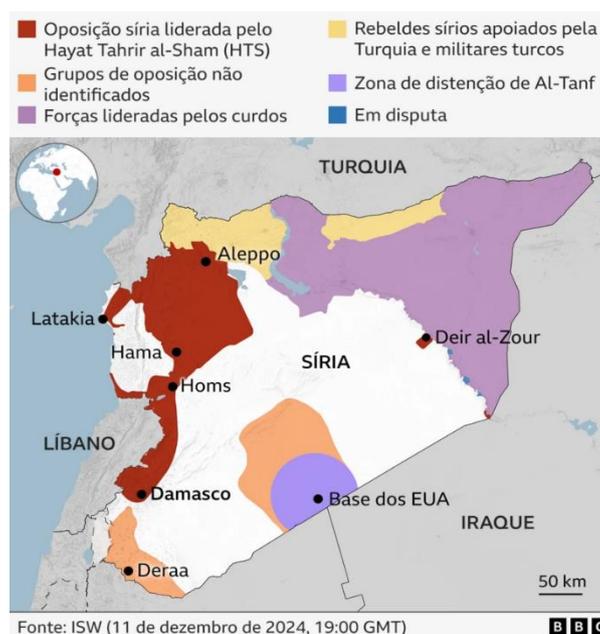
No entanto, ao mesmo tempo, vídeos de grandes massacres estavam sendo transmitidos no YouTube. O Skype também foi uma importante mídia social que desempenhou um papel importante na revolução. Essa rede facilitou a comunicação entre os comitês revolucionários de coordenação local. Por causa disso, a *Electronic Frontier Foundation* relatou que o Skype foi alvo direto do regime com um Trojan chamado ‘Dark Comet (RAT)’. O Trojan permite que um invasor capture a atividade da webcam, desative a configuração de notificação para determinados programas antivírus, grave a chave ataques, roubo de senhas e muito mais – e envia essas informações confidenciais para o mesmo endereço IP sírio usado em ataques (SHEHABAT, 2012, p.6). Apesar de grande parcela do povo sírio ter tentado acabar com o regime, que emergiu da batalha da mídia social, nota-se como consequência uma guerra civil que continua até os dias de hoje, no ano de 2025, com diversos atores em movimento para a tomada do poder na região. Mas, analisando como resultado dessa questão das redes sociais, nota-se que houve um papel relevante de organização humana em redes, utilizando como base o conceito de redes da geógrafa Leila Christina Dias. Em seu artigo “Redes Geográficas” (2020), a autora que faz um panorama histórico da diversificação do uso desse conceito, e disserta que a rede geográfica pode ser definida como “o conjunto de localizações humanas articuladas

entre si por meio de vias e fluxo”, “E que as redes sociais tornam-se geográficas quando consideramos sua espacialidade” (DIAS, 2020, p. 2). Para a ampliação dos fluxos de informações e pessoas e a tentativa de articulação do movimento revolucionário, o uso das redes sociais foi fundamental para um maior alcance geográfico na eficiência da disseminação da ideologia e do sentimento de insatisfação contra o regime – embora a formação dessas redes geográficas na Síria tivesse menos eficácia do que em países como Egito e Tunísia. Na Síria, nota-se uma atuação maior do Estado na contenção dos manifestantes e no bloqueio do acesso as redes sociais, uma vez que já havia existido experiências revolucionárias bem-sucedidas nos países vizinhos com o auxílio da internet.

4. A GUERRA CIVIL SÍRIA, UM BREVE PANORAMA ATUAL

Atualmente, no ano de 2025, o país vive um futuro incerto. O ditador Bashar Al Saad não governa mais o país desde dezembro de 2024, na qual houve a queda de seu regime. O território encontra-se dividido por diversos grupos com interesses distintos de governabilidade. Observe o mapa abaixo:

Figura 2. Mapa dos grupos que controlam o território da Síria



Fonte: BBC NEWS (2024)

A queda do regime de Assad foi provocada pelo avanço repentino e inesperado dos rebeldes do Hayat Tahrir al-Sham (HTS)³, mas, embora o grupo controle as principais cidades da Síria, ele não governa o país inteiro, como observado no mapa. O HTS também foi considerado um dos grupos mais eficazes e mortais contra o presidente Assad em 2011, quando o governo reprimiu diversas revoltas em meio a Primavera Árabe (BBC NEWS, 2024). Mas, enquanto muitos no país comemoram a queda de uma dinastia familiar que governou a Síria com “punho de ferro”, o futuro é incerto e a situação permanece instável, com vários grupos rebeldes diferentes controlando diferentes partes do país (BBC NEWS, 2024). Os repórteres da BBC (2024) disseram que multidões foram às ruas de Damasco para celebrar a queda de Assad. E registraram imagens do palácio presidencial de Assad, que foi invadido e saqueado. Os civis, de início eufóricos com a queda do regime e refugiados retornando ao país para uma possível reconstrução da Síria, agora são os que mais estão sofrendo com essa questão de instabilidade e possível continuação de uma guerra civil, uma vez que são distintos os interesses dos diversos grupos que existem no país. Além disso, a comunidade internacional segue dividida quanto ao reconhecimento das forças que poderiam tomar o poder, o que dificulta qualquer tipo de ajuda humanitária ou plano de reconstrução eficaz. A ONU e diversas ONGs alertam para uma possível crise alimentar e sanitária em regiões isoladas, onde o acesso é limitado devido aos confrontos. A fragmentação territorial e ideológica entre os grupos de dominação impede a formação de um governo de transição estável. Países vizinhos, como o Líbano e a Jordânia, demonstram preocupação com a segurança regional e o novo fluxo de refugiados. A Síria, agora sem Assad, se encontra em um ponto de inflexão que pode definir décadas futuras de conflito ou reconstrução. É preciso estar atento aos capítulos que serão escritos da nova história da Síria, e também continuamente ao grande número de refugiados oriundos do país pelo mundo.

³ Hayat Tahrir al-Sham (HTS), anteriormente conhecida como Jabhat al-Nusra, é uma organização militar e política islâmica sunita que atua no noroeste da Síria. Era originalmente o braço sírio da Al-Qaeda e, desde 2017, tem sido a facção militar mais poderosa dentro da oposição síria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se na pesquisa e se pode chegar à conclusão de que a Primavera Árabe foi um fenômeno muito importante e fundamental para as transformações e transições políticas em alguns países do mundo árabe, como a Tunísia e Egito, por exemplo. No que tange a Síria, a primavera árabe foi o “florescer” dos protestos da população civil devido a uma grande insatisfação contra o regime de Bashar al-Assad, que gerou como consequência uma guerra civil complexa. Essa guerra carrega consigo uma situação de muita instabilidade e vítimas no país. Diferente de outros países árabes, o regime de Bashar al-Assad resistiu e se manteve no poder por muitos anos após os protestos articulados pelos rebeldes antirregime. Nota-se que as grandes potências como a Rússia e os Estados Unidos possuem interesses distintos sobre os grupos que disputam o território sírio, o que complica ainda mais a resolução geopolítica da guerra. Há autores que argumentam que os Estados Unidos tiveram relação direta com o impulsionamento de postagens nas redes sociais favorecendo a articulação dos rebeldes. As redes sociais tiveram um papel relevante para a disseminação da ideologia da primavera árabe na Síria, porém, com menos sucesso do que em países como Tunísia e Egito. Ao contrário dos últimos dois países citados, o papel das redes sociais na Síria foi originalmente limitado devido a temores de que o governo monitorasse o Facebook e o Twitter. Apesar disso, os vídeos dos celulares das pessoas eram sua única arma e os manifestantes tiveram a insistência de continuarem se mobilizando. Destaca-se o papel do Youtube como a principal rede social utilizada pelos revolucionários para denunciar a ofensiva contra eles e poder divulgar o que estava acontecendo na Síria para o mundo. O Skype também foi uma importante mídia social que desempenhou um papel importante na revolução facilitando a comunicação entre os comitês revolucionários de coordenação local. Evidencia-se que houve formação de redes de disseminação de informações geográficas pelos Sírios, porém, com rápida atuação estatal para a contenção dos manifestantes no bloqueio de acesso às redes sociais e as atuações dos manifestantes, na qual culminou na Guerra Civil Síria, que ainda não encontrou sua data de término. No panorama atual do conflito com a saída de Assad, a Síria se encontra em um momento decisivo que

poderá moldar seu futuro por décadas, seja rumo à reconstrução ou à continuação dos conflitos com diversos grupos disputando o poder. É fundamental acompanhar com atenção os próximos desdobramentos dessa nova fase da história do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBC NEWS. Síria em mapas: quem controla o país após queda de Assad? BBC, 13 dez. 2024. Acesso em:09/05/2025.

BOMFIM, Nizete Maria; GIUDICE, Dante Severo. Transformações Geopolíticas Recentes no Mundo Islâmico: a Primavera Árabe. Revista Geográfica da América Central, 2 (61), 2018.

DIAS, Leila Christina. Rede Geográfica. GEOgraphia, v. 22, n. 49, 2020.

HANANO, Amal. The Syrian School Boys Who Sparked A Revolution. The National, 30 March 2012. Web. 26 October 2014.

HARVEY, David. O Novo Imperialismo. São Paulo: Edições Loyola, 2004

JOFFÉ, George. A Primavera Árabe no Norte de África: origens e perspectivas de futuro. Relações Internacionais, n. 30, p. 85-116, jun. 2011. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/ri/n30/n30a06.pdf>. Acesso em: 28 de out. 2022.

REUTERS. Social Media: A Double Edged Sword in Syria. 13 July 2011. Web. 23 October 201.

RICCI, Carla. Primavera Árabe na Síria: A Correlação de Forças na Evolução das Revoltas Populares à Guerra Civil. Revista GAE-OMAM, 2016.

SANT'ANA, Pablo Martins Santos. Consequências da Primavera Árabe na Síria: uma nova diáspora em questão? Revista de Geopolítica, v. 9, n. 1, p. 68-79, 2018.

SANTOS FILHO, Onofre. Os movimentos contestatórios no Oriente Médio e no Norte da África: a Tunísia é a solução? Estudos Internacionais, v. 1, n. 1, p. 37-58, jan/jun 2013.

SHEHABAT, Ahmed. The social media cyber-war: the unfolding events in the Syrian revolution 2011. Global Media Journal: Australian Edition. Vol. 6 Issue 2, p1-9. 2012.

SIMÕES, R. O que foi e como terminou a Primavera Árabe? BBC, 20 fev. 2021. Acesso em: 06 de maio de 2025.